



## De Nina Rodrigues a Arthur Ramos: a reinvenção de Palmares nos “estudos do negro”<sup>1</sup>

Thyago Ruzemberg Gonzaga de Souza  
Mestrando em História – UFRN  
[thyagoruzemberg12@yahoo.com.br](mailto:thyagoruzemberg12@yahoo.com.br)

**RESUMO:** Conceitos como raça, cultura, etnia e nação fazem parte do vocabulário erudito brasileiro desde a década de 1870. Esses termos, na primeira metade do século XX, foram utilizados pelos estudos sobre os “negros” e passaram por mudanças significativas. Junto com as transformações conceituais, ocorreu a reinvenção do Quilombo de Palmares na literatura dos “estudos do negro”. O objetivo desse artigo é perceber e expor as nuances dessa reinvenção, por meio de dois textos, *A Troia Negra* de Nina Rodrigues, publicado em 1904, e *A República de Palmares* de Arthur Ramos de 1939. Se em Nina Rodrigues o Quilombo fora um espaço racionalizado, para uma perspectiva do racismo científico que dominava o final do século XIX fora visto enquanto espaço de uma raça inferior que não tinha capacidade imediata de civilizar-se. O segundo autor, dentro de um olhar da antropologia cultural das décadas de 1930 e 40 colocou Palmares como espaço da resistência ao processo de aculturação imposto aos escravos no Brasil.

**PALAVRAS-CHAVE:** Raça, Cultura, Palmares.

**ABSTRACT:** Concepts such as “race”, “culture”, “ethnicity” and “nation” are part of brazilian classical lexicon since 1870. In the first half of the twentieth century, these concepts were used by studies concerning the “negroes”, and have gone through significant changes since then. The reinvention of “Quilombo de Palmares” occurred along with conceptual transformations in the literature of “negroes” studies. The aim of this article is to perceive and expose the nuances of this reinvention through two works: *A Troia Negra* (The Black Troy), by Nina Rodrigues, published in 1904 and *A República de Palmares* (The Republic of Palmares), by Arthur Ramos, published in 1939. If in Nina Rodrigues' text the Quilombo was a rationalized space for a scientific perspective of racism that dominated the late nineteenth century, it was also seen as an area of an inferior race that had no immediate ability to civilize itself. The latter, based on the cultural anthropology of the 30's and 40's, transformed Palmares into a space of resistance to the acculturation process imposed on slaves in Brazil.

**KEYWORDS:** Race, Culture, Palmares.

### Introdução

O presente trabalho tem como objetivo identificar nuances da reinvenção do Quilombo de Palmares na cultura historiográfica<sup>2</sup> da primeira metade do século XX,

---

<sup>1</sup> Esse artigo foi produzido com os resultados iniciais de uma pesquisa sobre a construção da República de Palmares na escritura de Arthur Ramos, essa pesquisa está sendo desenvolvida no curso de Mestrado em História do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.



analisando dois textos, produzidos em períodos distintos dentro da tradição dos estudos sobre o negro no Brasil, *A Troya Negra*<sup>3</sup>, de Nina Rodrigues, publicado em 1904 e *A República de Palmares*<sup>4</sup>, de Arthur Ramos, de 1939. Dentro de que tipos de racionalidades foram compostos os discursos sobre Palmares? Como essa tradição de “estudos do Negro” no Brasil colaborou na escrita desses dois autores? Quais as aproximações e distanciamentos desses pensadores? São questões que nortearão esse texto. Palavras como raça, cultura, etnia e nação tornaram-se velhas conhecidas do vernáculo erudito brasileiro durante o século XIX. Nas mãos de pensadores que procuravam compreender o Brasil, momentos antes do fim da escravidão, ou dentro do processo de liberdade da população escrava, esse vocabulário compunha as “novas ideias” advindas da Europa e dos Estados Unidos da América que eram *traduzidas* por eruditos e pela elite brasileira. Na década de 1870 esses termos tornaram-se centrais nas análises de uma literatura que objetivava ser científica.

Um meio de manifestação desse discurso, ou o principal meio, foi a literatura. Esses conceitos estavam em todos os tipos de obras e textos no final do século XIX e início do XX, nos jornais, revistas científicas, romances, ensaios etc. Literatura nesse período não pode ser pensada como uma categoria fechada, como conjunto de obras literárias de reconhecido valor estético, pelo contrário, trata-se de algo mais amplo e que ainda não separava definitivamente uma obra de ficção de uma obra científica. Portanto, é considerado parte da literatura um discurso que tem uma definição ficcional expoente (Machado de Assis, Lima Barreto), mas por outro lado, um discurso híbrido que relacionava romance e ciência (Euclides da Cunha), ou etnológico e científico (Nina Rodrigues). No Brasil é uma época de delimitação histórica de um corpo literário, no qual o letramento permite valorizar Nina Rodrigues e Machado de Assis como expoentes de

---

<sup>2</sup> Fabrício Gomes Alves produziu um texto que debate os conceitos de cultura histórica e cultura historiográfica, sendo o primeiro composto por representações e interpretações históricas feitas pela sociedade e que não está necessariamente ligada a produção historiográfica, enquanto o outro era referente especificamente à produção historiográfica, mas que não está limitada apenas a historiadores de formação. Ver: ALVES, Fabrício Gomes. Entre a Cultura Histórica e a Cultura Historiográfica: implicações, problemas e desafios para a historiografia. In: *Aedos*. Rio Grande do Sul, v. 2, n. 5, p. 82 – 97, Jul.-Dez., 2009.

<sup>3</sup> RODRIGUES, Nina. *A Troya Negra*: erros e lacunas da História de Palmares. In: *Revista do Instituto Arqueológico e Geográfico Pernambucano*. Recife, v.11, n.63, p. 645-672, set., 1904. Utilizaremos também a segunda versão, ver: RODRIGUES, Nina. *Os Africanos no Brasil*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010. p.9. Disponível em: <http://www.bvce.org/>.

<sup>4</sup> RAMOS, Arthur. *A República de Palmares*. In: *O Negro na civilização brasileira*. Rio de Janeiro: Livraria-Editora Casa do Estudante, 1971. P.65-77.



cultura, aproximando-os, mas também os separando, como *homens de letras* e *homens de sciencia*<sup>5</sup>. Mariza Corrêa observou que o momento em que o negro se tornou “livre” coincidiu com a emergência de uma elite profissional que incorporara os princípios liberais à sua retórica, assim como “com o surgimento de um discurso científico, etnológico, que tentava instituir para ele uma nova forma de inferioridade, retomando os ensinamentos de nossa história escravista recente”<sup>6</sup>. Era grande o número de eruditos envolvidos com esse discurso e suas ideias eram diferentes e conflituosas. Apesar disso, um termo era comum no pensamento desse período, a raça<sup>7</sup>.

Dentro dessa tradição de pensamento, foram desenvolvidos na primeira metade do século XX os “estudos do negro”, ou estudos sobre o negro no Brasil. Compreendemos que estes são compostos por várias coisas interdependentes, podemos destacar três áreas de atuação: a primeira é composta por uma tradição acadêmica que engloba escritores, professores e pesquisadores de diversos campos do conhecimento que se dedicam a problematizar o negro no Brasil, exemplo disso são os trabalhos da antropologia, da etnografia e do folclore nos institutos e nas universidades; a segunda é um estilo (instituição) das elites brasileiras para dominar, reestruturar e ter autoridade sobre o negro ou mulato, exemplo mais notório são as políticas públicas de higienização, urbanização e segurança; por último, um estilo de pensamento baseado numa distinção ontológica e epistemológica feita entre “Negros” e “Branços”, isso engloba o imaginário da sociedade e ideologias (mestiçagem e democracia racial)<sup>8</sup>. O Negro é um conceito que tem sua história e uma tradição, um imaginário e um vocabulário que lhe deram realidade e presença para intelectualidade dos estudos antropológicos e etnográficos brasileiros.

<sup>5</sup> Distinção feita pelo contemporâneo Sylvio Romero (*homem de sciencia*) vinculado a ideias das ciências modernas provenientes da Europa e América do Norte, em oposição a Machado de Assis (*homem de letra*), um artista. Ver: SCHWARCZ, Lília M. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1970-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p. 28-42.

<sup>6</sup> CORRÊA, Mariza. *Ilusões da liberdade: a escola Nina Rodrigues e a antropologia no Brasil*. 2.ed. Bragança Paulista: Editora da Universidade de São Francisco, 2001. p. 49.

<sup>7</sup> Ver sobre as diferenças e conflitos nas visões sobre a questão raça e nacionalidade: DANTAS, Caroline Vianna. O Brasil café com leite: debates intelectuais sobre mestiçagem e preconceito de cor na primeira república. In: *Tempo*. Niterói, v.13, n.26, p. 56-79, 2009. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-77042009000100004](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-77042009000100004).

<sup>8</sup> Essa caracterização foi desenvolvida baseada numa aproximação com a caracterização do Orientalismo feita por Edward Said, evidentemente levamos em consideração as diferenças entre os “Estudos do Negro” no Brasil e o “Orientalismo”, tanto que consideramos desde o início as duas últimas áreas de atuação como subordinadas à primeira, ainda que sejam interdependentes. Ver: SAID, Edward. *Orientalismo*. nov. ed. 2. reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 28-29.



A partir dessa premissa, podemos entender que, devido à produção de imagens do Negro nesse campo de estudos, ocorreu uma reinvenção do Quilombo de Palmares. Devemos designar o Quilombo dentro do discurso dessa tradição como um espaço imaginativo e que partilha de uma história imaginativa. De acordo com Edward Said, isso significa que escapam à atmosfera objetiva e adentram em significados simbólicos, ou poéticos, que determinam ou delimitam as fronteiras do Outro e conseqüentemente do Eu<sup>9</sup>. Comparando as produções de dois pensadores desses “estudos”, Nina Rodrigues e Arthur Ramos, observando a possibilidade da influência do primeiro sobre o segundo, procuraremos refletir como Palmares - um espaço imaginativo - foi urdido dentro de racionalidades que pensavam também o negro.

### Duas gerações dos estudos do Negro

Até a década de 1950, a pesquisa sobre o negro no Brasil teria vivenciado, pelo menos, dois momentos distintos ou duas gerações. O primeiro momento é o da fundação, no qual são iniciados, na virada para o século XX, no Brasil, os estudos sobre os africanos e seus descendentes, desenvolvidos por *homens de ciencia* autodidatas de formação “bacharelesca” da medicina e do direito, que interpretariam as teorias do racismo científico de uma maneira original ao procurar explicar a realidade do *negro* e do *mestiço*.

Nina Rodrigues foi o precursor da primeira geração, realizando as primeiras pesquisas sistematizadas sobre a população negra. Em *Os Africanos no Brasil*<sup>10</sup>, ele coloca uma epígrafe de Silvio Romero enunciando que é “uma vergonha para a ciência no Brasil que nada tenhamos consagrado de nossos trabalhos ao estudo das línguas e religiões africanas”<sup>11</sup>, ainda por cima, clama para que os estudiosos se apressem, pois os últimos africanos estariam prestes a desaparecer do Brasil. Ao pôr essa epígrafe, Rodrigues colocou o seu trabalho como a resposta ao clamor de Silvio Romero, ou seja, na posição do pesquisador que respondeu o chamado e assumiu a responsabilidade. No final da introdução, deixa bem claro o seu papel como precursor, ao afirmar que é a “um ensaio de

<sup>9</sup> Edward Said também denomina esse espaço imaginativo como geografia imaginativa, além disso designa história imaginativa como tempo imaginativo. SAID, Edward. *Orientalismo*, p. 92-93.

<sup>10</sup> Essa obra foi idealizada e organizada por ele, porém, devido a sua morte em 1906, ela não foi conduzida. Mesmo assim o seu discípulo, Oscar Freire, iniciou a organização para a publicação que só foi conduzida sob os cuidados de Homero Pires em 1932.

<sup>11</sup> ROMERO, Sílvio. Estudos sobre a Poesia Popular do Brasil. Rio de Janeiro: s.e.,1888. p. 10-11. *Apud* RODRIGUES, Nina. *Os Africanos no Brasil*, p. 7.



sistematização destes estudos que consagro o presente livro, destinando-o ao conhecimento de uma das preliminares do problema, a história dos Negros colonizadores”<sup>12</sup> e que não lhe constava ninguém que houvesse feito isso.

O segundo momento ocorre na década de 1930, quando os estudos consolidam-se com a fundação das universidades no Brasil<sup>13</sup>. Junto com estas instituições surgiram os primeiros especialistas das humanidades, profissionalizando as áreas de atuação intelectual. Ocorre nessa transformação um aprimoramento do rigor científico, devido à adoção de teorias e metodologias específicas em trabalhos que procuram analisar as problemáticas da nação. Nos estudos sobre o negro, a entrada de teorias da antropologia cultural norte-americana trouxe grandes mudanças epistemológicas.

Os dois Congressos de Estudos Afro-Brasileiros ocorridos em 1934, no Recife, sob a organização de Gilberto Freyre, e em 1937, em Salvador, sob os cuidados de Arthur Ramos, foram de suma importância dentro desse momento por agregar os estudiosos da temática. As chefias dos congressos nos mostram quem eram os pensadores que estavam à frente dessa segunda geração. Estes eventos foram inaugurais e procuraram demonstrar a produção sobre o negro no Brasil, acabando também por demarcar a consolidação desse campo de pesquisa na inteligência brasileira. De maneira alguma ignoramos as contribuições dos movimentos culturais da década de 1920, dos quais se destaca o Modernismo e o Regionalismo na contribuição da formação dos pesquisadores da década de 1930, desenvolvendo a preocupação com a questão nacional<sup>14</sup> e a procura de uma identidade brasileira vinculada a uma cultura singular. Para Antônio Candido, na década de 1930, as maneiras de pensar a nação encontraram refúgio no radicalismo intelectual e na

<sup>12</sup> RODRIGUES, Nina. *Os Africanos no Brasil*, p. 18.

<sup>13</sup> Após algumas tentativas frustradas de fundar universidades no Brasil, houve, em 1920, a implantação da Universidade do Rio de Janeiro — mais tarde, em 1937, Universidade do Brasil. A partir da reunião de algumas escolas superiores já existentes na então Capital Federal, os governos provinciais passaram a flertar com a ideia de ter suas próprias instituições. Em 1927 organizou-se a Universidade de Minas Gerais, em Belo Horizonte; em 1934 a criação da Universidade de São Paulo (USP); em 1935 a Universidade do Distrito Federal foi fundada.

<sup>14</sup> OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *A questão nacional na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1990; OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *Questão nacional na Primeira República*. In: LORENZO, H. C.; COSTA, W. P. (Org.). *A década de 1920 e as origens do Brasil moderno*. São Paulo: Ed. Unesp, 1997.



análise sociológica, que procurou a todo momento demonstrar o Brasil como uma nação singular e soberana, e reconheceu os seus problemas como únicos<sup>15</sup>.

Essas duas gerações de pesquisadores sobre o negro brasileiro construíram, em seu discurso, um vocabulário para caracterizar um grupo da população brasileira, construindo, a partir do conceito de negro, significados para: raça negra, raça inferior, raça degenerada, fetichista, infantil, cultura negra, estágio de cultura inferior etc. No entanto, não significa que o discurso tenha sido homogêneo e não sofra transformações de acordo com o tempo e o autor. As narrativas produzidas em momentos diferentes construíram significados distintos para o Negro, embora demonstrem também certa continuidade no modo de pensar. De maneira que, conforme demonstrou Ella Shohat em *Des-orientar Cleópatra*, tropos discursivos elaborados em vários momentos constroem imagens e representações visuais em diferentes discursos<sup>16</sup>. Determinados grupos, em momentos específicos, por meio de conceitos contemporâneos, construíram conhecimentos históricos que determinaram a produção de imagens, representações e espaços do passado.

Esses pesquisadores não produziram um discurso unilateral sobre os africanos e seus descendentes, pelo contrário, havia um diálogo entre eles, como representantes, e seus objetos de pesquisa, o Outro. Nina Rodrigues e Arthur Ramos, tornaram-se *ogãs* de candomblés na Bahia, ou seja, receberam um título honorífico que é conferido pelo chefe do terreiro – ou por um orixá incorporado – aos beneméritos do *ilê*<sup>17</sup> que contribuíram com sua riqueza, prestígio e poder. Ao receberem esse título, assumiram uma postura de proteger esses grupos religiosos. Dessa maneira, podemos concluir que essa representação era negociada ou dialogada. Para Ramos isso seria mais evidente, devido a sua influência dentro do movimento negro e da imprensa negra como intelectual e defensor da

<sup>15</sup> CANDIDO, Antônio. Os significados de Raízes do Brasil. In: HOLANDA, Sérgio Buarque. *Raízes do Brasil*. 21. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989. p. XXXIX – li.

<sup>16</sup> Ao analisar a imagem de Cleópatra “encenada” em vários tipos de discurso produzidos dentro de “guerras culturais”, Shohat percebeu que dentro da geografia da modernidade, as cansadas dicotomias Oriente contra Ocidente, África contra Europa, e Negro contra Branco continuam a informar o modo como as civilizações antigas são diacriticamente construídas. Ver: SHOCHAT, Ella. Des-orientar Cleópatra. In: *Cadernos Pagu*. n. 23, p. 11-54, jul-dez, 2004.

<sup>17</sup> Casa de candomblé ou terreiro como um todo.



democracia racial. Jeffrey Lesser demonstrou que as identidades étnicas no Brasil foram negociadas entre os grupos marginalizados e a elite<sup>18</sup>.

### **Do racismo científico nos Institutos à antropologia cultural nas universidades**

O olhar médico sobre as questões sociais foi uma das maiores marcas de Raimundo Nina Rodrigues, visto que iniciou a sua carreira como docente da Faculdade de Medicina da Bahia (FMB), em 1889, e lá ficou até seu falecimento em 1906. A vinculação com a antropologia, nesse sentido, não se dá por acaso, uma vez que se trata de uma área proveniente da medicina e da biologia. Segundo Mariza Corrêa, as preocupações com a raça como origem de problemas sociais e médicos e a proximidade com a antropologia, especialmente a raciologia<sup>19</sup>, estão desde os seus primeiros textos. É no livro *As Raças Humanas e a Responsabilidade Penal no Brasil*<sup>20</sup>, de 1894, que a “antropologia criminal” ganha centralidade em seu pensamento e ele dialoga diretamente com Lombroso, Ferri, Garofalo – chefes da nova escola criminalista italiana - e Alexandre Lacassagne - chefe da nova escola médico-legal francesa.

Nos seus textos, a ideia de inferioridade da raça negra toma a sua forma mais radical dentro dos pensadores do racismo científico brasileiro. Ele compreendia que “não é a realidade da inferioridade social dos negros que está em discussão. Ninguém se lembrou de ainda de contestá-la. E tanto importaria contestar a própria evidência”<sup>21</sup>. Nina Rodrigues era singular por sua visão pessimista, como diria Lilia Moritz Schwarcz, sobre a miscigenação, advogou que “toda mistura de espécies era sinônimo de degeneração”<sup>22</sup>, elas evoluíam separadamente, de acordo com a sua capacidade e essência. Mariza Corrêa observa que não é possível reduzir os trabalhos dele sob a perspectiva da medicina,

<sup>18</sup> Ver: LESSER, Jeffrey. *A negociação da identidade nacional: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil*. São Paulo: Ed. UNESP, 2001

<sup>19</sup> O termo “raciologia” que utilizamos aqui é como sinônimo de “racismo científico”.

<sup>20</sup> RODRIGUES, Nina. *Raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, s.d.

<sup>21</sup> RODRIGUES, Raimundo Nina. *Os Africanos no Brasil*, p. 289

<sup>22</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz. Nina Rodrigues e o Direito Penal: mestiçagem e criminalidade. In: ALMEIDA, Adroaldo J. S. et. al. (org.). *Religião, raça e identidade: colóquio do centenário da morte de Nina Rodrigues*. São Paulo: Paulinas, 2009. V. 6. Coleção estudos da ABHR. p. 38



sobretudo quando ele envereda na análise dos negros e mestiços, ela afirma que a obra é marcada igualmente pela criminologia, antropologia e psicologia<sup>23</sup>.

Sobressaem nos textos sobre Palmares outros lugares de fala, isto é, o Instituto Arqueológico e Geográfico Pernambucano (IAGP). Na verdade, Rodrigues era sócio efetivo do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia (IGHB) e sócio correspondente de outros institutos regionais do Norte que auxiliavam na produção da história nacional projetada pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Na tradição do IHGB, no conhecimento sobre a população negra, vigorava uma visão evolucionista e determinista e, no que se refere ao potencial civilizatório da raça, essa mesma visão predominou no IAGP. Segundo Lilia Moritz Schwarcz<sup>24</sup>, no início do século XX uma nova forma de entender a história se destaca: “escrever a história nacional significava tomar parte de um debate sobre os problemas do momento e das incertezas do futuro, e se inteirar dos avanços científicos”; portanto, predominou um discurso determinista e científico baseado nas obras de Buckle, Darwin e Spencer. O IAGP além de dialogar com essa maneira de escrever a história tem um projeto marcado pelo seu regionalismo – prestigiando o Norte em oposição ao Sul - ou por uma perspectiva local – centrada em Pernambuco<sup>25</sup>. A população negra aparece como uma preocupação desse instituto, pois esse faz parte de uma tradição de pensadores que começaram a refletir, na década de 1870, sobre o negro na sociedade e sobre as teorias do racismo científico, o principal deles é Silvio Romero.

Aproximadamente vinte anos depois da morte de Nina Rodrigues, surge Arthur Ramos no ambiente acadêmico. Este se formou em medicina na FMB, no ano de 1926, com a tese *Primitivismo e Loucura*. Dialogando com a psicologia durante esse período, adota as influências de Sigmund Freud, Paul Eugen Bleuler e Lucien Lévy-Bruhl<sup>26</sup>. Depois de formado, foi trabalhar no Instituto de Medicina Legal Nina Rodrigues, organização que congregava alguns personagens que construíram uma identidade intelectual baseada no interesse comum por temáticas de pesquisa e uma herança intelectual de Raimundo Nina Rodrigues. Estamos falando da *Escola Nina Rodrigues*, um grupo de intelectuais e eruditos

<sup>23</sup> CORRÊA, Mariza. *Ilusões da Liberdade: a Escola Nina Rodrigues e a Antropologia no Brasil*. 2. Ed. rev. Bragança Paulista: Editora da Universidade São Francisco, 2001. Coleção Estudos CDAPH, Série Memória. p. 106.

<sup>24</sup> SCHWARTZ, Lilia M. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1970-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p. 116.

<sup>25</sup> SCHWARTZ, Lilia M. *O espetáculo das raças*, p. 117-124.

<sup>26</sup> CORRÊA, Mariza. *Ilusões da liberdade*, p. 228.



baianos da década de 20 – se nem todos nasceram na Bahia, pelo menos tiveram sua formação superior ou atividade profissional nesse estado – principalmente médicos que procuraram desenvolver pesquisas nas temáticas que o “mestre” Nina Rodrigues já havia trabalhado: a medicina-legal, a psicologia e a antropologia – o problema do Negro. Em suas obras, Arthur Ramos está a todo o momento mencionando seu vínculo à Escola e, ao mesmo tempo, reivindicando um lugar como herdeiro intelectual do “mestre”<sup>27</sup>.

Em 1934, publicou o livro *O Negro brasileiro* que serviria como obra inaugural dos seus estudos sobre o negro, ainda muito próximo da psicanálise. Todavia, em 1937, é com *As Culturas Negras no Novo Mundo* que demonstra o início de sua aproximação com a antropologia cultural norte-americana (Boasiana) principalmente Herskovits<sup>28</sup>. No ano de 1935, se torna professor de Psicologia Social da Universidade do Distrito Federal, onde morava desde o ano anterior, período no qual a preocupação com o estudo das relações raciais assume uma posição cada vez mais central na sua produção intelectual e paulatinamente passa também a se definir como antropólogo.

O alcance nacional de algumas das atividades dos membros da Escola Baiana<sup>29</sup> só ocorreu devido à centralização promovida a partir de 1930, época em que vários membros do grupo ampliaram a sua atuação. É também nesse momento que Arthur Ramos se aproxima de eruditos participantes dos movimentos culturais ocorridos na década de 1920. Luitgarde Oliveira Cavalcanti Barros relata que em palestras do Dr. Téo Brandão, etnógrafo e folclorista, discípulo e amigo de Arthur Ramos, falava-se de um grupo que se reunia na casa do antropólogo, “nas quais Ramos tocava piano para os amigos, convivia com Mário de Andrade, Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Jorge de Lima, Ribeiro Couto, Aurélio Buarque de Holanda, Diegues [...]”<sup>30</sup>. Essa mesma autora afirma que Ramos viveu a euforia idealista e esperançosa do movimento de 30, mas decepcionou-se principalmente com o autoritarismo do momento. Em 1939, foi publicado nos Estados

<sup>27</sup> MARTINS, Hildeberto V. *As ilusões da cor: sobre a raça e assujeitamento no Brasil*. 243 f. Tese (Doutoramento em psicologia) - Universidade de São Paulo, Instituto de Psicologia, São Paulo, 2009.; CORRÊA, Mariza. *Ilusões da liberdade*.

<sup>28</sup> EDUARDO, Osctavio da C.; FERNANDES, Florestan; BALDUS, Hebert. Arthur Ramos 1903-1949. In: *Revista do Museu Paulista*. São Paulo, v. IV, p. 439-459, 1950.

<sup>29</sup> Outra maneira de denominar a Escola Nina Rodrigues.

<sup>30</sup> BARROS, Luitgarde O. C. *Arthur Ramos e as dinâmicas de seu tempo*. Maceió: EDUFAL, 2000. p. 28.



Unidos o *The Negro in Brazil*<sup>31</sup>, livro que contém o texto “A República de Palmares”. Nesse mesmo ano, assumiu a cátedra de Antropologia e Etnografia da Faculdade Nacional de Filosofia da recém-criada Universidade do Brasil. Nesse momento ele ainda não havia formado a sua identidade de antropólogo<sup>32</sup>, pois estava no início da carreira e ainda estava consolidando a sua rede de relações internacionais. Por outro lado, tinha uma posição de liderança em meio aos eruditos e intelectuais dos estudos do Negro no Brasil, principalmente os provenientes da Escola Nina Rodrigues. Podemos inferir que essa obra é composta no princípio da transição de um conhecimento construído com amadorismo para o conhecimento especializado nas humanidades, transição vivenciada pelos pesquisadores nas décadas de 1930 a 1940 – uns mais e outros menos – e que foi encabeçada, na antropologia, por Arthur Ramos.

As proximidades entre eles nos permitem fazer comparações. Ambos são médicos que tiveram sua formação na Faculdade de Medicina na Bahia, o primeiro no final da década de 1880 e o segundo no início da década de 1920. Há também um elo entre eles por causa do interesse pelas mesmas áreas de pesquisa e atuação: medicina-legal, psicologia e estudos sobre o negro no Brasil. Mas a ligação principal é a proximidade intelectual, devido Arthur Ramos ter feito parte da Escola Baiana. Embora Mariza Corrêa enfatize que a influência de Rodrigues é apenas “retórica”<sup>33</sup> em Arthur Ramos, é notório que esse autor, ao revisar os conceitos e as ideias de seu “mestre”, aproveita muito do que ele tinha produzido, compreendendo as obras dele como clássicas nos estudos dos negros e utilizando-as como fonte para suas pesquisas. Ramos aproveita, também, a etnografia, se afastando da teoria de Rodrigues e muitas vezes criticando-o. Outra importante proximidade é o método comparativo desenvolvido por Rodrigues e que Ramos adotou para suas pesquisas sobre o Negro brasileiro, cujo objetivo era “investigar as sobrevivências

<sup>31</sup> Esse texto só veio a ser publicado no Brasil em 1956 pela Livraria-Editora Casa do Estudante, já sob o título *O Negro na civilização brasileira*.

<sup>32</sup> “Apenas após a sua passagem pelo seminário de Herskovits e de sua introdução ao mundo da antropologia norte-americana, se sentirá plenamente um antropólogo”. GUIMARÃES, Antônio Sérgio A. *Africanismo e democracia racial: a correspondência entre Herskovits e Arthur Ramos (1935 -1949)*. p. 6. Captado em: <http://www.fflch.usp.br/sociologia/asag/Africanismo%20e%20democracia%20racial.pdf>. Acesso em: 19 ago. 2012.

<sup>33</sup> CORRÊA, Mariza. *Ilusões da liberdade*, p. 239



culturais no Brasil, fazendo o cotejo comparativo com culturas idênticas no Continente Negro”<sup>34</sup>.

### Os Negros de Palmares

Havia uma característica que transpassava os trabalhos dos *homens de sciencia* até a década de 1910, principalmente daqueles que assistiram a Abolição e a República, sobretudo os integrantes dessa tradição do racismo científico ligados aos institutos: a preocupação com a manutenção da ordem social. A obra de Rodrigues também é definida pela tentativa da “garantia da ordem social”. Sua perspectiva raciológica conduzia à explicação do que ele compreendia como problemas físicos e sociais dos negros e mulatos pela degeneração da raça. Nesse caso, epidemias, crimes, alienação, charlatanismo, fetichismo etc., tornaram-se metáforas de pessoas afrodescendentes, indígenas ou mestiças, de maneira que esses termos já descrevessem ou designassem esse grupo, depreciando-o. Um exemplo da sua preocupação com a manutenção dessa ordem era o medo constante em ver acontecer, no Brasil, o que ocorreu no Haiti. Utilizava o exemplo dessa república como impossibilidade de organização do negro, mesmo os mais avançados, de alcançar a civilização ariana e de se adequar totalmente à organização do branco. Esse medo em perder a ordem, medo do caos no qual a origem ele entende estar no negro e mulato, possivelmente o faz pensar o espaço de Palmares como um risco à civilização. O medo da paisagem da revolução haitiana sobrepõe a sua escrita sobre Palmares, o Quilombo é um espaço do medo ou uma metáfora do caos. O medo dos africanos e seus descendentes fazia parte do imaginário das elites que viam boa parte de suas ações como problemas sociais<sup>35</sup>.

Perceber esse medo em sua obra conduz ao estranhamento do termo *Troya Negra*. A origem da comparação não é dele, ele expõe que “*Troya Negra* chamou Oliveira Martins a Palmares e uma *Ilíada* a sua história”<sup>36</sup>, o autor português lançou esse epíteto em 1876, em Lisboa, no livro *O Brasil e as colônias portuguesas*. A ideia de Oliveira Martins obedecia a um pensamento que acreditava ser positiva a instalação dos negros em quilombos no interior

<sup>34</sup> RAMOS, Arthur. *O Negro na civilização brasileira*. Rio de Janeiro: Livraria-Editora da Casa do Estudante do Brasil, 1971. p. 103.

<sup>35</sup> AZEVEDO, Célia Maria M. *Onda Negra e Medo Branco: o negro no imaginário das elites século XIX*. 3 ed. São Paulo: Annablume, 2004. p. 153-188

<sup>36</sup> RODRIGUES, Nina. *A Troya Negra*, p.663



da América Portuguesa, pois se estes negros voltassem à África retornariam ao nível de barbárie inicial<sup>37</sup>. Palmares é apresentado como um espaço intermediário entre o espaço totalmente civilizado dos Estados brancos e o espaço bárbaro das demais raças, assim como Tróia, que estava entre a civilização grega e a Ásia, frequentemente pensada como bárbara pela cultura histórica do século XIX e início do XX.

A *Troia Negra* de Nina Rodrigues, diferentemente de Oliveira Martins e dos demais autores que se dedicaram a compreender Palmares, procura na composição racial as respostas. Ocorre que, devido à complexidade de sua visão raciológica, a compreensão do Quilombo como espaço intermediário acima citado é confuso e talvez subvertido. O seu argumento é que Palmares foi formada por negros da África Meridional, mais especificamente da *raça bantu* que é interpretada como inferior aos demais negros. Ao comparar povos Sudaneses aos *Bantus*, chega à conclusão de que: “tem-se a impressão de que, através de toda a culta e sanguinária barbaria dos últimos, povos há no Sudão que atingiram a uma fase de organização, grandeza e cultura que nem foi excedida, nem talvez atingida pelos Bantus”<sup>38</sup>. Caracterizados por uma “pobreza mítica” que, segundo Rodrigues, está “perfeitamente reconhecida e demonstrada” e lhes possibilitou adotar uma “caricatura da religião católica dos colonos”<sup>39</sup>, é assim que ele explica a existência de uma igreja na capital Macacos<sup>40</sup>. Sobre os palmarinos, ele afirma que eram “negros fetichistas os que ali se congregaram”<sup>41</sup>. Era defensor da “ideia da incapacidade psíquica das ditas raças inferiores para assimilar as elevadas abstrações do monoteísmo”<sup>42</sup>. Mesmo quando ocorre uma suposta adoção do catolicismo, há persistência do fetichismo africano como expressão do sentimento religioso do negro e mestiço. Segundo Nina Rodrigues, a organização de Palmares era condizente com a capacidade intelectual do povo *bantu*<sup>43</sup>.

Apresenta, nas partes iniciais do texto, Palmares como um estado africano e, como “em geral nas cidades africanas”, as organizações das cidades de Palmares deviam ser

<sup>37</sup> REIS, Andressa Mercês Barbosa dos. *Zumbi: historiografia e imagens*. 148 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em História, Franca, 2004.

<sup>38</sup> REIS, Andressa Mercês Barbosa dos. *Zumbi*, p.297

<sup>39</sup> RODRIGUES, Raimundo Nina. *Os Africanos no Brasil*, p. 97, 247.

<sup>40</sup> \_\_\_\_\_. *Os Africanos no Brasil*, p. 96.

<sup>41</sup> \_\_\_\_\_. *Os Africanos no Brasil*, p. 96.

<sup>42</sup> MUNANGA, Kabengele. Negros e mestiços na obra de Nina Rodrigues. In: ALMEIDA, Adroaldo J. S. et. al. (org.). *Religião, raça e identidade: colóquio do centenário da morte de Nina Rodrigues*. São Paulo: Paulinas, 2009. V. 6. Coleção estudos da ABHR. p. 21.

<sup>43</sup> MUNANGA, Kabengele. Negros e mestiços na obra de Nina Rodrigues, p. 25



“agrupamentos de pequenas vilas, quarteirões ou distritos, em que raças, povos ou famílias diversas, regidas por leis e costumes diferentes, muitas vezes se associam ou confederam”<sup>44</sup>. Os palmarinos se “organizaram em um estado em tudo equivalente aos que atualmente se encontram por toda a África ainda inculta”, a “tendência geral dos Negros é a se constituírem em pequenos grupos, tribos ou estados em que uma parcela variável de autoridade e poder cabe a cada chefe ou potentado”<sup>45</sup>. Por muitas vezes em seu texto, os africanos aparecem como sendo sempre os mesmos. Esse é um dos pontos de ambiguidade em seus textos, pois em sua teoria o negro era compreendido como capaz de evoluir ainda que muito lentamente, mas ele dificilmente demonstra essa mudança. Ricardo Siqueira Bechelli<sup>46</sup> constatou que em *Os africanos no Brasil*, apesar de Nina Rodrigues continuar propagando o racismo, este aparece aqui de forma muito mais suavizada, ou melhor, dentro de uma tensão evidente, uma vez que Nina Rodrigues ao trabalhar com um material direto, por meio da etnografia, ao fazer uma pesquisa empírica, pôde analisar a questão do negro de forma mais aprofundada.

Outras contradições aparecem no decorrer dos textos, principalmente na versão final que está em *Os africanos no Brasil*, devido à tentativa de incrementar as explicações sobre o caráter racial *bantu* do Quilombo. As contradições são menos frutos da falta de documentação que comprovasse a sua teoria e mais do desejo de provar sua tese baseada na teoria raciológica. Sua explicação aponta para a originalidade de um espaço, no qual “as noções de que se tinham impregnado os negros na longa convivência com o povo em cujo seio viveram escravos, deviam forçosamente comunicar a Palmares tons das regras e hábitos a que estiveram submetidos”, portanto “no governo de Palmares muito devia haver de importado das práticas e costumes da colônia portuguesa”<sup>47</sup>. Deste modo, expõe determinados aspectos ou indícios de uma nova cultura e uma nova organização em Palmares, entretanto ele ignora esses indícios confirmando sua tese do estado africano ou de tradição *banta*, por meio do argumento da incapacidade psicológica desses povos<sup>48</sup>. A

<sup>44</sup> RODRIGUES, Raimundo Nina. *Os Africanos no Brasil*, p. 84

<sup>45</sup> \_\_\_\_\_. *Os Africanos no Brasil*, p. 84

<sup>46</sup> BECHELLI, Ricardo Siqueira. *Interpretação do Brasil: tensões no paradigma racial* (Sílvia Romero, Nina Rodrigues, Eudides da Cunha e Oliveira Vianna). 420 f. Tese (doutorado em História Social) - Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 2009. p. 215.

<sup>47</sup> RODRIGUES, Raimundo Nina. *Os Africanos no Brasil*, p. 84

<sup>48</sup> \_\_\_\_\_. *Os Africanos no Brasil*, p. 101.



sua leitura das fontes é submetida à racionalidade racista que distancia – ou opõe – Palmares dos estados “civilizados”<sup>49</sup>.

Arthur Ramos, de certa maneira, percebeu que na obra de Nina Rodrigues o paradigma racial não abarcava completamente as análises e que, ao se aproximar dos negros através da etnografia, ele acabou aproximando-se das análises culturalistas. Ramos percebeu a importância dos seus estudos sobre o negro e a forma como ele pretendia compreender este povo, mas sempre fez críticas ao racismo científico de Rodrigues, evidentemente afirmando que era entendível pelas ideias da época. Ramos compreendeu que o racismo científico não prejudicou totalmente as contribuições para o estudo do negro, pois “se nos trabalhos de Nina Rodrigues substituirmos os termos raça por cultura, e mestiçagem, por aculturação, por exemplo, as suas concepções adquirem completa e perfeita atualidade.”<sup>50</sup>

Lília M. Schwarcz chama a atenção que esse tipo de interpretação feita por Arthur Ramos é equivocada, pois colocaria a questão racial em segundo plano, para poder colocar Rodrigues como um autor culturalista. Sobre essa possibilidade de corrigir a obra de Nina Rodrigues com as mudanças dos termos – de raça por cultura – ou de colocá-lo como um autor que teve uma preocupação maior sobre uma análise social e cultural do negro, Schwarcz escreveu que: “Com efeito, era a raça e o grupo que delimitavam as possibilidades de um indivíduo e, portanto, a relatividade defendida era absolutamente referida à ‘constância da raça’.”<sup>51</sup>

Porém, antes de colocar apenas como um equívoco de Arthur Ramos a sua interpretação sobre a obra de Rodrigues, devemos entender o motivo desse deslocamento. Isso ocorreu devido à procura de filiação dele e do grupo da Escola Nina Rodrigues ao pensamento e à herança do “mestre”. Porém, os “discípulos” apesar de serem herdeiros das preocupações ou problemas do seu antecessor, não podiam de modo algum se aproximar das teorias racialistas que estavam sendo ultrapassadas por sua geração. Por isso, demonstrar a contribuição do “mestre” era tão importante, mas ao fazê-lo precisava se distanciar do paradigma racial e enfatizar as contribuições da análise cultural e social.

<sup>49</sup> Racialista é também sinônimo de raciológica e de racismo científico.

<sup>50</sup> RAMOS, Arthur. *Aculturação Negra no Brasil*. São Paulo; Rio de Janeiro; Recife; Porto Alegre: Companhia da Editora Nacional, 1942. p. 179

<sup>51</sup> SCHWARCZ, Lília Moritz. *Nina Rodrigues e o Direito Penal*, p. 49.



Analisaremos em que a reinvenção de Arthur Ramos sobre o Quilombo de Palmares se distanciou do “mestre”, mas também em que ele deu continuidade.

“A República de Palmares” é o primeiro texto de Arthur Ramos sobre o tema. Este caráter inicial possivelmente o limitou a repetir os acontecimentos narrados por Nina Rodrigues e pelos Institutos Históricos do Norte. O seu diferencial está nas interpretações, na parte imaginativa, que possibilita uma reinvenção de Palmares. Logo no início do texto, Arthur Ramos se contrapõe aos trabalhos de historiadores e sociólogos que afirmam que o “Negro, ao contrário do índio, foi, no Brasil, um elemento passivo e resignado ao regime da escravidão”<sup>52</sup>, causa da substituição da escravidão indígena pela negra. Essa visão do negro como passivo não foi compartilhada por Arthur Ramos e nem pela Escola Nina Rodrigues. Ramos, assim como Rodrigues, dá centralidade ao africano e seus descendentes como temática de pesquisa e como sujeitos históricos em sua narrativa. Isso não significa que esses sujeitos falaram em seus trabalhos, mas que eles são representados e tornam-se protagonistas da narrativa<sup>53</sup>.

A hierarquia cultural é algo muito importante no seu entendimento das relações entre diferentes grupos. Haveria estágios diferentes de cultura, umas sendo superiores as outras. É baseado nessa concepção que ele desenvolve o conceito de aculturação, definido por ele como o “fato de duas ou mais culturas se porem em contato tendendo a mais adiantada a suplantam a mais atrasada”<sup>54</sup>. É também a partir dessa hierarquia que é explicada a substituição da mão-de-obra escrava indígena pela africana, pois “o Negro se adaptou maravilhosamente a faina agrícola, consequência de seu estágio de cultura, superior ao do índio”<sup>55</sup>. Em Ramos, o negro era mais capaz que o índio no trabalho agrícola, pois a sua cultura já havia desenvolvido a agricultura em muitos povos da África, no entanto reagiu ao regime da escravidão, muitas vezes de maneira violenta: “Foi bom trabalhador, porém mau escravo”<sup>56</sup>.

<sup>52</sup> RAMOS, Arthur. *O Negro na civilização brasileira*, p. 47.

<sup>53</sup> Gayatri Spivak analisa esse papel de representante – que “fala por” ou “re-presentar” - exercido pelos intelectuais e pelas elites que silenciam o Outro da sociedade ou o subalterno – o representado. Ver: SPIVAK, Gayatri C.. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

<sup>54</sup> RAMOS, Arthur. *Aculturação Negra no Brasil*, p. 75

<sup>55</sup> RAMOS, Arthur. *O Negro na civilização brasileira*, p. 47

<sup>56</sup> \_\_\_\_\_. *O Negro na civilização brasileira*, p. 48.



Essa reação dos negros ao regime escravista em sua obra é elaborada de maneira laudatória, não é vista com desânimo. Desde meados da década de 1910, a cultura historiográfica sobre Palmares escrita pelos Institutos do Norte já vinham produzindo uma narrativa elogiosa da luta pela liberdade e do heroísmo dos negros de Palmares<sup>57</sup> e não podemos ignorar o contato de Arthur Ramos com essa produção. Ele participou do I Congresso Afro-Brasileiro (1934) organizado por Gilberto Freyre no Recife, no qual Alfredo Brandão e Mario Mello apresentaram suas teses sobre o Quilombo de Palmares, ambos dos Institutos do Norte. O primeiro, membro do Instituto Arqueológico e Geográfico de Alagoas (IAGA), observou Palmares inserido na história de Alagoas; importantes cidades do interior desse estado foram vistas como originárias das lutas ao Quilombo, mas a narrativa destacou o caráter heroico e libertário do Quilombo<sup>58</sup>. O segundo, membro do IAGP, apresentou a luta dos palmarinos como uma defesa da liberdade, porém, como lembrou Andressa Reis<sup>59</sup>, não havendo intenção de considerá-lo um movimento vitorioso, Mello opta por uma leitura mais tradicional sobre o final do Quilombo. Próximo às versões de Nina Rodrigues e Rocha Pombo, considerava que o extermínio do Quilombo fora necessário para que o desenvolvimento do país se realizasse. Considerando essa cena de produção, é compreensível a afirmação de Ramos sobre essas reações, com um teor poético que enaltece os participantes em seus atos de fuga, suicídio ou grandes movimentos de insurreição coletiva que “destacaram-se as suas qualidades de liderança, de organização, o ímpeto de combate e os sentimentos de afirmação da dignidade pessoal.”<sup>60</sup>

Dentro dessa maneira de pensar, Palmares seria o grande feito heroico, “foi a primeira grande epopeia que o Negro escreveu em terras do Brasil”, sendo engrandecido por Ramos como movimento realizado pelos negros, pois “passou à história brasileira como uma grande tentativa negra de organização de estado”<sup>61</sup>. O Quilombo de Palmares seria, no seu entendimento, um “estado, com tradições africanas dentro do Brasil”. Embora essa afirmativa seja parecida com a de Nina Rodrigues há uma diferença sutil, mas significativa: para o “mestre”, Palmares teria sido um “estado africano” em terras

<sup>57</sup> REIS, Andressa. *Zumbi*, p. 86.

<sup>58</sup> BRANDÃO, Alfredo. Os negros na história de Alagoas. In: Congresso Afro-brasileiro. *Estudos Afro-brasileiros*. Recife: FUNDAJ, Editora Massangana, 1988. p.55-92.

<sup>59</sup> REIS, Andressa Mercês Barbosa dos. *Zumbi*, p. 104

<sup>60</sup> RAMOS, Arthur. *O Negro na civilização brasileira*, p. 48.

<sup>61</sup> \_\_\_\_\_. *O Negro na civilização brasileira*, p. 65.



brasileiras, isso conota um maior isolamento devido à diferença evolutiva ou desnível psicológico da raça *bantu*, os construtores de Palmares eram de uma raça inferior aos colonos e aos europeus e isso impossibilitava a adaptação à civilização<sup>62</sup>. Em contrapartida, o “discípulo” faz uma leitura que coloca Palmares como uma reação cultural de povos africanos ou descendentes às imposições da cultura europeia através da escravidão e ao mesmo tempo diminui o isolamento, pois essas tradições africanas estariam no Brasil e de forma alguma poderia salvar-se do sincretismo<sup>63</sup>.

A cultura do Quilombo era *Banto*, tal qual em Rodrigues, porém com o “sincretismo” ou “aculturação” sofrida no novo mundo. Segundo Ramos, os “usos e costumes” dos quilombolas dos Palmares copiavam as organizações africanas de origem *banto*, todavia com as modificações introduzidas com os hábitos aprendidos na Colônia Portuguesa. Para fazer essa distinção entre um “estado africano”, ele utiliza a ideia de Estado Negro, “que os escravos brasileiros organizaram no século XVII, onde se evidenciaram as capacidades de liderança, de administração, de tática militar, de espírito associativo, de organização econômica, de constituição legislativa [...] do Negro brasileiro”<sup>64</sup>. Ou seja, não era um “estado africano” ou um “estado estrangeiro”, era um “estado do Negro brasileiro”, no qual predominava as tradições africanas. Essa ênfase na brasilidade desse negro que compôs o Quilombo possivelmente está relacionada aos debates da década de 1930 sobre a nacionalidade ou a identidade nacional do povo brasileiro, que valorizava a integração das três raças, impulsionada pela ideia de “democracia racial”<sup>65</sup>, a qual, de acordo com Alfredo A. Guimarães<sup>66</sup>, pode ser considerada como mito fundador de uma nova nacionalidade nessa década.

Talvez, Arthur Ramos, tenha procurado construir um espaço de um povo cuja identidade é hifenizada<sup>67</sup>, o afro-brasileiro. O seu prestígio e diálogo com o movimento negro possibilitariam esse tipo de construção, percebendo que “Palmares permanecerá

<sup>62</sup> Segundo Nina Rodrigues era uma raça negra proveniente da costa da África, principalmente da região da Angola e do Congo. Ver sobre Palmares e a raça *bantu*: RODRIGUES, Nina. *Os africanos no Brasil*.

<sup>63</sup> RAMOS, Arthur. *O Negro na civilização brasileira*, p. 65.

<sup>64</sup> RAMOS, Arthur. *O Negro na civilização brasileira*, p. 75.

<sup>65</sup> A expressão “democracia racial” usada por Ramos, sinônima da “democracia étnica” de Freyre, sobreviverá, entretanto, como reivindicação negra até pelo menos 1964, e, até mesmo na grande reviravolta política de 1968. Ver: GUIMARÃES, Antônio Sérgio A. *Africanismo e democracia racial*, p.20.

<sup>66</sup> GUIMARÃES, Antônio S. A. *Racismo e anti-racismo no Brasil*. São Paulo: FUSP; Ed. 34, 1999. p. 50-55.

<sup>67</sup> Essa identidade hifenizada é parte de uma nacionalidade, cuja identidade é cindida entre a igualdade – brasileiro – e a diferença – afro. Ver: LESSER, Jeffrey. *A negociação da identidade nacional*.



sempre como um monumento à habilidade inata do Negro brasileiro em criar por ele mesmo, sem auxílios ou influências externas, os fatores essenciais a uma ordem social.”<sup>68</sup> E assim acaba por lançar uma hipótese da civilização do negro, como “um caso curioso e instrutivo de fusão da experiência e dos elementos africanos com as imposições do novo meio na formação de um Estado em miniatura, manifestando todos os atributos de uma comunidade civilizada.”<sup>69</sup>

Ao tratar Palmares como uma resistência das tradições africanas, o antropólogo chega à conclusão de que foi “uma desesperada reação à desagregação cultural que o africano sofreu com o regime da escravidão”<sup>70</sup>. Palmares é percebida como uma tentativa, da parte dos negros brasileiros, de reconstituição das suas culturas perdidas, num trabalho que ele denomina de “reação contra-aculturativa” ou “contra-aculturação”<sup>71</sup>. A influência da antropologia cultural e principalmente de Melville Herskovits com seu conceito de aculturação são notórios nessa compreensão. Arthur Ramos pegou o velho método de Nina Rodrigues de comparação das raças e povos na África a seus remanescentes e descendentes no Brasil, e introduziu, pelas leituras da antropologia, o conceito de cultura em detrimento daquele de raça<sup>72</sup>.

O antropólogo tendeu a repetir a versão do suicídio de Zumbi como Nina Rodrigues<sup>73</sup> e Alfredo Brandão<sup>74</sup> já haviam colocado. No entanto, desvia-se destes últimos colocando Zumbi como indivíduo em vez de um título de liderança. Ao mesmo tempo, aproxima-se da versão do suicídio heroico de Zumbi defendida pelos autores do IAGP da década de 1920. O silêncio desse autor sobre a documentação<sup>75</sup> que tratava do assassinato de Zumbi é revelador do seu propósito: enaltecer a imagem de Zumbi com o ato heroico

<sup>68</sup> RAMOS, Arthur. *O Negro na civilização brasileira*, p. 75.

<sup>69</sup> \_\_\_\_\_. *O Negro na civilização brasileira*, p. 75-76.

<sup>70</sup> \_\_\_\_\_. *O Negro na civilização brasileira*, p. 65.

<sup>71</sup> \_\_\_\_\_. *O Negro na civilização brasileira*, p. 181.

<sup>72</sup> Essa introdução do conceito de cultura não pode ser resumida a uma simples substituição de conceitos ou de termos, trata-se de uma grande mudança, e que gerou certas contradições e conflitos nas obras de Arthur Ramos. Ver: CORRÊA, Mariza. *Ilusões da liberdade*.

<sup>73</sup> RODRIGUES, Nina. *A Troia Negra*.

<sup>74</sup> Sobre a produção de Alfredo Brandão, ver: REIS, Andressa M. B. dos. *Zumbi*, p. 85-99.

<sup>75</sup> Em especial um documento conhecidíssimo publicado na Revista do Instituto Arqueológico Geográfico Alagoano (RIAGA), de 1904. Foram doadas, pelo Barão Stuart do Instituto do Ceará, duas cartas reais do século dezessete, destinadas ao Provedor da Fazenda Real de Pernambuco e ao Governador Caetano de Melo e Castro de Pernambuco, que mudavam a lenda tecida em torno de Zumbi e de sua morte por suicídio. Nesse documento a versão do assassinato de Zumbi é confirmada. *Revista do Instituto Arqueológico e Geográfico Alagoano*. Alagoas, v.1, n.4, 31-33, jun.1904.



de escolher o sacrifício em vez da redenção<sup>76</sup>. Arthur Ramos poderia ter seguido o exemplo do “mestre” que apresentou as duas versões, e demonstrou a sua preferência. No entanto, o que ele fez foi expor a versão do suicídio como única possível, ignorando a polêmica gerada por esse debate.

### Considerações finais

Regressando a Rodrigues, quando ele se depara com os relatos da organização de Palmares – no que seria compreendido pelas culturas historiográficas posteriores como parte da cultura nacional –, ele percebe um símbolo da inferioridade que não se adequa a civilização. *Troya Negra* não teria, nesse caso, o significado que foi colocado por Oliveira Martins como um espaço intermediário entre a barbárie e a civilização. Aqui ela se colocaria como um entrave, um inimigo do avanço civilizacional da nação brasileira. A proximidade com a história da civilização grega, ou melhor, de seu grande adversário, a civilização de Tróia, não traz a Palmares uma visão positiva do autor como é previsto para a comparação. O que na verdade ocorreu foi que ele negou a proximidade do Quilombo com a herança da civilização, devido a sua negritude.

A imagem do negro *bantu* como uma raça inferior e impossibilitada psicologicamente o prende a metáforas que ocasiona a reinvenção do Quilombo, como: “a maior das ameaças à civilização do futuro povo brasileiro, nesse novo Haiti, refratário ao progresso e inacessível à civilização, que Palmares vitorioso teria plantado no coração do Brasil”<sup>77</sup>. A sua luta e a sua sublevação é, antes de tudo, resultado da inadequação dessas raças ao espaço da civilização branca ocidental. Palmares, na verdade, é um espaço menor dentro dos espaços Negros, inferior racialmente e de uma pobreza mítica ou cultural reconhecida. Palmares lembrava que o Brasil poderia ser um Haiti. A *Troya Negra* de Nina Rodrigues é, antes de tudo, um inimigo da civilização, um espaço do medo, um espaço construído pela racionalidade raciológica de inferioridade do negro *bantu*, um espaço que ameaçava a ordem social.

Em contrapartida, a reinvenção do espaço numa narrativa heroica, como Arthur Ramos projetou, faz parte de uma racionalidade de transformação dentro da tradição sobre os estudos dos negros brasileiros, não como uma maneira de negar ou negligenciar as

<sup>76</sup> RAMOS, Arthur. *O Negro na civilização brasileira*, p. 73.

<sup>77</sup> RODRIGUES, Nina. *A Troya Negra*, p. 652



produções anteriores. Quatro anos antes de *O Negro na civilização brasileira*, Arthur Ramos fora iniciado nos estudos culturalistas que passariam a dominar o discurso dos estudos do negro, o conceito de aculturação, juntamente com o mito da “democracia racial” adotada pelos intelectuais e pelo Estado e que passariam até certa medida a valorizar a cultura negra, possibilitando a reinvenção de Palmares como espaço do Negro brasileiro, visto sob uma perspectiva heroica, épica e ao mesmo tempo original.

O autor está entre duas “escolas” de pensamento brasileiro que terão como objetivo pensar o negro brasileiro: a Escola Nina Rodrigues, na qual teve a sua formação básica nos estudos do negro; a Antropologia Cultural brasileira, que por sua vez foi uma grande divulgadora da democracia racial ou mestiçagem brasileira. Na primeira, o negro é visto como problema social, um Outro distante da verdadeira cultura brasileira – europeia ou branca. Na segunda, as explicações sobre a cultura negra estarão imersas nas concepções de aculturação – do negro brasileiro – e ao mesmo tempo na ideia de mistura entre as culturas, na qual a branca, pelo seu estágio de desenvolvimento cultural, foi hegemônica. Ele jamais deixou de pensar o negro, de certa maneira, como um problema da sociedade brasileira – Escola Baiana – devido ao seu argumento do baixo estágio de cultura do negro. Palmares é reinventado por ele dentro dessa racionalidade que acaba por constituir-lo como um espaço novo do Negro brasileiro. O Quilombo foi um espaço ascendente por não ser africano, mas não o suficiente por não ser somente brasileiro. O termo Negro estabelece um deslocamento entre esse espaço e o espaço nacional, que dentro dessa perspectiva só seria superado depois na “civilização brasileira” com a mestiçagem.

Por meio da raciologia, Nina Rodrigues atribui aos negros (raça) uma etnicidade (africanos e *bantus*) que permite tanto garantir sua inferioridade, como dá a Palmares africanidade a ser excluída idealmente ao ser demonstrado como erro local, no Brasil. Rodrigues quer eliminar o elemento alienígena, pois seu estrangeiro – o espaço africano – faz de Palmares um perigo à nova ordem nacional. Já Arthur Ramos pensa, seguindo outro paradigma, que admite a brasilidade como incorporadora do africano, como negro aculturado, portanto, brasileiro. Ele diminui o valor da etnicidade na definição do Quilombo, para realçar o valor nativo da localidade, ou seja, brasileiro.

Recebido em: 20/11/2012  
Aprovado em: 03/07/2013